

Briga deixa Congresso ansioso

Mas o PFL aprova as críticas de ACM enquanto os tucanos acham que Motta provocou

Na véspera de inaugurar uma nova sessão legislativa, o Congresso vivia ontem um dia de ansiedade, muita reunião e pouca informação, o que deixava os parlamentares, sobretudo os novatos, completamente perdidos. Um assunto dominava as conversas: a entrevista do senador Antônio Carlos Magalhães, domingo, em que ele não poupa quase ninguém do Governo.

Se não acreditavam que o episódio ACM configurava exatamente uma crise, deputados do PFL viam nas declarações do ex-governador um freio de arrumação: "A galera está gostando; é preciso um pouco mais de respeito com ACM, em particular, e com o PFL em geral", dizia um deles.

"O ACM é um cara terrível. Quando ele fala, põe tudo em tumulto", afirmou um tucano, re-

clamando que a repercussão em torno do que diz o ex-governador "é sempre superdimensionada". Os próprios tucanos, no entanto, reconheciam a necessidade de se apagar o fogo e até admitiam que houve certa provocação por parte, sobretudo, do ministro das Comunicações, Sérgio Motta.

Um peemedebista baiano alertava: "O Antônio Carlos não vai aceitar que usem com ele os mesmos mecanismos que ele próprio utiliza com os inimigos, principalmente esta história de bater em público e, depois, pedir desculpas em particular".

Irritação — O presidente do PFL, Jorge Bornhausen, recusou-se a comentar a briga, cuja existência aliás, ele não reconhece. "É preciso fazer uma leitura atenta, para evitar lendas erradas", afirmou. Ele disse ainda, sem es-

conder irritação com o assunto, que o "PFL é um partido liberal, onde cada um tem direito de dizer o que pensa". Bornhausen não quis responder ao pedido do presidente do PSDB, Pimenta da Veiga, para que "enquadrasse" ACM: "Nossos assuntos, não tratamos pelos jornais, só internamente". E não fez outra coisa. Bornhausen, desde anteontem, fala por telefone pelo menos três vezes por dia com Pimenta. Esteve no Palácio do Planalto com Fernando Henrique e Marco Maciel, pelo menos duas vezes, ontem, sempre em conversas reservadas. Numa delas, em companhia do presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), filho do pivô da "crise". Bornhausen esteve também com Sérgio Motta. No final da tarde, garantia: "Está tudo bem".